



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

GRUPO DE TRABALHO ESTUDOS CIGANOS EM PORTUGAL - A INTEGRAÇÃO DOS CIGANOS EM PORTUGAL

MAGANO, Olga

Doutoramento em Sociologia

Universidade Aberta / Centro de Estudo das Migrações e Relações Interculturais (CEMRI)

omagano@uab.pt

Resumo

A integração social consiste na aprendizagem das normas sociais que se incorporam nas formas de estar, agir e sentir, ou seja, fazem com que o indivíduo se identifique com a realidade social que o rodeia. A aprendizagem decorre com o processo de socialização, nos quadros de vida envolventes e nas experiências sociais a que cada um tem acesso. Trata-se de uma realidade dinâmica com múltiplas combinações de traços sociais, culturais e identitários. Num estudo qualitativo realizado em Portugal sobre ciganos integrados, constatou-se que os motivos ou factores na origem da integração podem ser diversos, sendo que há distinções de percursos e de histórias de vida de integração sobretudo por razões que se prendem com questões de género, com as origens socioeconómicas e culturais, a ascendência familiar, o tipo de uniões conjugais, a escolaridade, a habitação e as relações sociais diversificadas. Os resultados deste estudo revelam a diversidade dessas trajectórias e percursos de vida, a heterogeneidade de origem e de traços culturais e identitários que, aparentemente, não coloca em causa o sentimento de pertença e de ancoragem à identidade cigana.

Abstract

Social integration is the way of to learn the social norms incorporated in ways into being, acting and feeling, or to make the individual identifies with the social reality that surrounds him. The learning takes place through the process of socialization, with the frames of life and the engaging in social experiences that everyone has access. It is a dynamic reality with multiple combinations of traits social, cultural and identity. In a qualitative study carried out in Portugal on integrated Gypsies, it was found that the reasons or factors for integration can be diverse, and there are distinctions in pathways and life histories of integration mainly for reasons related to gender issues, with the socio-economic and cultural origins, the family relationship, the type of marriages, education, social relations diversified and housing. The results of this study reveal the diversity of these paths and walks of life, the diversity of origin and cultural traits and identity that apparently does not question the sense of belonging and also the anchorage about the Gypsy identity.

Palavras-chave: Ciganos; integração social; identidade; mobilidade social

Keywords: Gypsies, Social Integration, Identity

O objectivo desta comunicação é apresentar uma síntese da investigação desenvolvida sobre ciganos integrados em Portugal (Magano, 2010), os principais resultados obtidos que desocultam a diversidade e diferenciação social entre os indivíduos de origem cigana. Para isso fomos conhecer percursos de integração, como é vivida a experiência de integração e, também, como se processa a integração de novos elementos na formação da identidade cigana. Por questões de limitação de espaço, privilegiamos aqui a apresentação dos resultados relativos aos percursos biográficos equacionando os factores importantes nesse processo e os quadros de experiência social que favorecem a integração.

1. Questões em torno do processo de integração

A implementação da democracia em Portugal acelerou os processos de integração social com a conquista de direitos de cidadania, entre os quais se destacam as políticas sociais mais abrangentes. Os ciganos passam a ser considerados cidadãos com direitos que a sociedade tem a responsabilidade de integrar e, recentemente, esta directiva foi reforçada com a Estratégia Europeia de Integração dos Ciganos (PE, 2011) que se repercutiu a nível nacional com a imposição de cada país elaborar a sua estratégia de integração (ACIDI, 2011). A maior parte dos indivíduos de origem cigana em situações habitacionais precárias e insalubres tem vindo a ser realojada; aumentou o número de crianças ciganas com frequência escolar; generalizou-se o acesso ao Sistema Nacional de Saúde, nomeadamente pelo acesso a cuidados de saúde primários e os partos em contexto hospitalar e também aumentou o acesso a um rendimento mínimo.

Analizamos experiências de ciganos integrados no que se refere à vivência de processos de socialização, percursos e trajectos de vida que contribuíram para delinear projectos de vida autónomos (Velho, 1999). O conceito de pluralidade de Lahire (2003) foi essencial para a desconstrução teórica de representações sociais. Nesta perspectiva, o indivíduo é entendido como agente, dotado de autonomia, capaz de fazer opções de vida, de traçar um projecto individual, mesmo se condicionado culturalmente pelo grupo de pertença. A noção de “quadros de experiência” delineada por Erving Goffman (1991 [1974]) demonstra a possibilidade de sobreposição de processos de socialização que se consubstanciam em vários tipos de quadros desde os primários, aos secundários e aos terciários, com as suas regras e os factores que ficam dentro e fora de cada um deles, permitindo estudar a organização das experiências (Goffman, 1991 [1974]). Os contactos com variados contextos são cada vez mais precoces o que permite desenvolver práticas diversificadas de vida, sendo que os indivíduos não são simples receptores das normas e regras sociais, também são actores capazes de interiorizar, de diferentes formas, os conteúdos de aprendizagem social advindos da socialização (noção de experiência social, Dubet, 1996).

A perspectiva teórica em que nos colocámos é a de que o indivíduo é capaz de emergir da estrutura social, quebrar ciclos de reprodução social e ter projectos de vida individuais, mesmo com a diferenciação de experiências sociais ou distanciamento em relação ao grupo de pertença, sobretudo em relação a certos valores da “tradição”. É nesse sentido que os indivíduos de origem cigana integrados podem ser considerados “trânsfugas culturais” (Lahire, 2003) no sentido da desvinculação de exclusão e marginalização social ou pelas formas de conciliação identitária. Nas sociedades modernas contemporâneas há mais probabilidade de fazer processos de socialização diferenciados em que cada um pode interiorizar de forma diferente as normas e regras sociais de integração social (é o *espaço dos possíveis* a que se refere Bourdieu, 2001). A integração implica a participação dos cidadãos na vida colectiva, por via das instâncias de socialização (família, a escola, o trabalho, etc.) e em contextos múltiplos (Lahire, 2003). Esses processos significam diferentes possibilidades de adesão e participação na sociedade dominante (Schnapper, 2007) o que se faz através das dimensões económica (inserção nas actividades de produção e de consumo), social (integração nos grupos primários e na sociedade global através de laços sociais institucionais) e simbólica (normas, valores e representações colectivas, definidoras dos lugares sociais) (Gaulejac e Léonetti, 1994).

2. Fluidez do objecto de estudo e adaptações teórico-metodológicas

O objecto de estudo consiste nos percursos de integração social de indivíduos de origem social cigana e a formação, configuração e reconfiguração identitária. Tendo em conta a complexidade e a possibilidade de se metamorfosear traçamos zonas de visibilidade pela explicitação teórica e discussão das opções metodológicas (perspectiva compreensiva e metodologia qualitativa transversal a todo o trabalho) (Almeida & Pinto, 1986), no sentido em que os indivíduos não são simples portadores de estruturas, mas também produtores activos do social. Foi isso que fizemos com recurso à produção de narrativas através de entrevista em profundidade, orientadas por guião de entrevista perspectivado como instrumento flexível e evolutivo. De acordo com a perspectiva construtivista, a realidade social tende a ser apreendida como construída e não como natural ou dada de uma vez por todas (Corcuff, 2001). As “novas sociologias” têm procurado romper com a visão conceptual dicotómica, indivíduo-sociedade, integrando os aspectos objectivos e subjectivos do mundo social e, no que diz respeito à construção do objecto sociológico, estabelecendo ligação entre o ponto de vista exterior do observador sobre aquilo que ele observa e os modos como os actores percebem o que fazem no decurso da sua acção – ou seja, consiste na reflexividade sociológica, no sentido em que o investigador integra na construção do objecto a reflexão sobre a sua relação com esse mesmo objecto (Corcuff, 2001) e também da concepção de *habitus* entendida como estruturas sociais da nossa subjectividade que se constituem no início da nossa vida por meio das nossas experiências (*habitus* primário) e vai-se desenvolvendo ao longo da vida adulta (*habitus* secundário) (Bourdieu, 1979). A acção dos indivíduos resulta na produção continuada das formas culturais e dos laços sociais – acção social dos indivíduos na produção de si próprio em relação social com os outros e na produção da sociedade. Neste processo podem surgir tensões entre o condicionamento social (regularidades) e o projecto pessoal (singularidades) (Costa, 1992). Ora, os indivíduos ocupam funções diferenciadas nos sistemas estruturados de condições sociais de existência. Existe uma tensão no tempo e no espaço das redes de interdependências sociais e amplificação do âmbito das relações sociais directamente correlacionadas com processos de diferenciação social, na origem de novos processos de integração social (Costa, 1992), reflexivos, no sentido de Giddens (1999, 2004).

Para a compreensão dos processos sociais vividos por indivíduos de origem cigana integrados e as trajectórias e percursos de vida, importa analisar os contextos sociais e físicos em que a sua vida decorre com a perspectiva das oportunidades, das expectativas, das trajectórias sociais e da mobilidade social uma vez que o contexto social permite mobilidades sociais sobretudo pela democratização do ensino e a universalização dos direitos de cidadania (Giddens, 1990). Também as transformações sociais e culturais verificadas na sociedade portuguesa nas décadas mais recentes (Santos, 1994) repercutiram-se sobre a “cultura cigana” e sobre a relação social com a realidade social em que vivem e da qual são elementos constituintes. Os agentes ou grupos distribuem-se em função do capital económico e o capital cultural (Bourdieu, 2001) e o mundo social apresenta-se objectivamente como um sistema simbólico que se organiza segundo a lógica da diferença: espaço de estilos de vida e de grupos de estatutos, caracterizados por diferentes estilos de vida relativos à capacidade de reconhecer e partilhar determinados “signos distintivos” (Bourdieu, 2001).

Ciente da dualidade e fluidez subjacente ao objecto de estudo assente em indivíduos que se definem, ao mesmo tempo, como “ciganos” e “integrados”, isso leva-nos a desenvolver a concepção de “ciganos integrados”, com a articulação do sentimento de pertença a um grupo social de origem, portanto, uma pertença identitária específica combinada com sentimentos de pertença e partilha da identidade social da sociedade envolvente. As novas formas de pensar e de estar originam novas afirmações identitárias que não se confundem com outras o que remete para a possibilidade de simbiose e metamorfose entre traços culturais de culturas diferentes, sendo nesse interstício teórico-metodológico que se situa este trabalho, com o objectivo de compreender como se processa em indivíduos de origem cigana integrados, tendo em conta que a identidade se forma pelas relações sociais (diferenciação em relação aos outros) e pela cultura (categorizações do universo social, por exemplo).

Foram realizadas entrevistas em profundidade, semi-estruturadas, dirigidas às trajectórias de vida através das narrativas de vida que permitem conhecer as lógicas de acção no desenvolvimento biográfico e as configurações de relações sociais no seu desenvolvimento histórico (reprodução e dinâmicas de transformação). A compreensão das práticas pode conduzir ao nível semântico das crenças, representações,

valores e projectos que, combinando-se em situações objectivas, inspiram as lógicas dos actores. É o esforço de descrição da estrutura diacrónica do percurso de vida que a distingue de outras formas (não narrativas) de entrevistas (Bertaux, 1997). As linhas de vida nas narrativas são estruturadas em torno de uma sucessão temporal de acontecimentos, uma espécie de linha de uma vida – que Bertaux designa por “ideologia biográfica” (1997:33) e Bourdieu (2001) de “ilusão biográfica”, e que corresponde a um esforço para construção de uma coerência biográfica. Na condução das entrevistas foi dada a “liberdade de palavra” ao narrador, mas com o suporte de um guião que serve de “recordatório” (Poirieret al., 1995: 11).

Partindo de perspectivas plurais sobre o objecto de estudo, com a recolha de experiências de vida de “ciganos integrados”, nas várias etapas de socialização e os seus trajectos sociais e como se interiorizam valores e formas de estar, pretendemos identificar percursos percorridos, os contextos em que ocorrem, as instituições sociais envolvidas, os modelos sociais de referência e importância das relações familiares e sociais que permitiram efectuar esses modos de vida que se diferenciam dos ditos tradicionais ciganos. A socialização de cada um, os contextos em que se move, as oportunidades de diversificação de suas relações sociais, quem foram os seus amigos, professores, vizinhos, outras pessoas significativas das suas vidas e a abertura das famílias para essas relações são contributos importantes para percebermos como se forma, por um lado, a identificação ao grupo de pertença e, por outro lado, como se forma a identificação positiva com um grupo social de referência que não coincide com o seu grupo de origem.

3. Caracterização sociográfica dos entrevistados

Realizaram-se 21 entrevistas em profundidade a indivíduos de ambos os sexos de origem cigana em vários pontos do país, em áreas urbanas e rurais (Bragança, Braga, Coimbra, Lisboa e Porto), dez mulheres e onze homens. As idades dos/as entrevistados/as variam entre os 22 e os 55 anos, sendo que dez se encontram no intervalo de idades entre os 20 e os 30 anos (cinco homens e cinco mulheres), quatro entre os 30-40 anos (dois homens e duas mulheres), três entre os 40-50 anos (três mulheres) e quatro entre os 50-60 anos (quatro homens). As habilitações escolares são diversificadas (desde uma mulher que não sabe ler nem escrever, até dois entrevistados com mestrado). Para além desses, cinco entrevistados têm o 4º ano de escolaridade (quatro mulheres e um homem); uma mulher tem o 5º ano e está a fazer formação; dois entrevistados têm o 6º ano (uma mulher e um homem); cinco têm o 9º ano (três mulheres e dois homens), um tem curso técnico-profissional; dois têm o 12ºano (dois homens) e dois são licenciados (um homem e uma mulher). No que se refere às actividades económicas, elas são variadas, sendo possível destacar, entre as desempenhadas actualmente, formadores ou professores, consultores, mediadores socioculturais, auditor, educadora de infância, auxiliar de serviços gerais, empregados de mesa e de limpeza, cozinheira, empregada de fábrica de pão, empregado de bomba de gasolina, agente policial, jardineira, cozinheira, guarda-nocturno.

Os critérios de selecção foram dimensões de integração como a inserção profissional ou económica, a frequência de cursos de formação profissional, serem estudantes do ensino secundário e/ou superior, serem habitantes de ‘habitações de pedra’, o serem membros de associações ciganas¹, ou terem outras participações cívicas (por exemplo, cargos políticos), etc. Foram tidos em conta critérios de diversificação, de género e espaço habitacional de residência, escolaridade e da ocupação profissional. Pretendeu-se um distanciamento da perspectiva estereotipada sobre os ciganos em Portugal sendo o critério principal indivíduos que não se dedicassem ao comércio ambulante (“a venda”)², com uma ocupação económica ou social considerada como “não cigana” uma vez que, em termos sociológicos, a profissão ou ocupação profissional continuam a ser as principais variáveis para a definição do estatuto social do indivíduo (Estanque, 1988; Schnapper, 2007). Ocultamos a identificação pessoal: nomes próprios, localidades de residência, habilitações académicas e actividades profissionais. Usamos a identificação de género, idade e origem social e tipo de zona. Os nomes usados são fictícios e apenas são usados para facilitar a leitura dos excertos.

No que se refere à origem cigana temos quatro mulheres e seis homens com ambos os progenitores ciganos; com mãe cigana e pai meio cigano, um homem; com pai cigano e mãe não cigana, dois casos: uma mulher e um homem; com mãe cigana e pai não cigano são cinco mulheres e três homens. Em relação às opções conjugais dos entrevistados constatámos a tendência para a escolha de cônjuge não cigano (14 casos em 19)

sendo 9 deles casos em que um dos progenitores é não cigano. Os tipos de uniões conjugais distribuem-se da seguinte forma: quatro homens vivem em união de facto com mulheres ciganas (casamento “cigano”), três são casados com não ciganas, três vivem em união de facto com não ciganas e um é solteiro. No que se refere às mulheres, duas são casadas: uma com um homem cigano e outra com um não cigano; cinco vivem em união de facto com homens não ciganos; duas estão separadas (de união de facto com não cigano) e uma é solteira. Apesar de o nosso grupo ser de “ciganos/as integrados/as”, surge a ocorrência de cinco casos de mulheres que referem a experiência pessoal de uniões conjugais precoces quer se trate de uniões com homens ciganos ou não ciganos. Algumas tiveram uniões conjugais antes dos 20 anos e uma refere ter “casado” aos 15 anos.

4. Integração nos contextos físicos e sociais

A integração acontece em contexto físicos, sociais e simbólicos: nos grupos, comunidades ou redes sociais, tais como a família, vizinhança ou amigos, que estabelecem interações sociais entre si expressas sob a forma de relações sociais. As propostas de integração dos indivíduos ciganos têm sido incipientes e descontinuadas no tempo. É entre os indivíduos de origem cigana que se encontram os que vivem em condições mais precárias de habitabilidade e salubridade, onde se detectam as maiores taxas de analfabetismo e abandono precoce escolar, os que têm menos formação, os mais pobres (CPESC, 2009; Santos, Oliveira, Rosário & Brigadeiro, 2009) e onde mais se concentram os “não empregáveis”, no sentido de Castel (2000)³. São também as principais vítimas das perseguições policiais de onde resulta, muitas vezes, confiscação de mercadorias e uma alta taxa de detenção, comparado com o número estimado de indivíduos de origem cigana residentes em Portugal (Moreira, 1999).

A maioria das famílias dos entrevistados estão sedentarizadas há várias gerações. O processo de sedentarização parece ter acontecido sobretudo durante a geração dos avós e são os locais onde as famílias dos entrevistados continuam a residir e também, quase sempre, onde vivem desde a infância. Em termos habitacionais, na infância uma entrevistada viveu numa barraca até os pais serem realojados numa habitação social municipal e outro entrevistado ainda se lembra de ter vivido em acampamento. Os/as restantes viveram em casas próprias ou arrendadas, sobretudo em habitações sociais e outros que sempre viveram em casas próprias ou arrendadas sem ser em habitação social. As más condições habitacionais durante a infância são apontadas como causa para dificuldades vividas, por exemplo, para se arranjam para irem à escola (por faltar água e energia eléctrica). Actualmente, os tipos de habitações em que vivem são variados: casa própria (adquirida ou herdada), casas comercialmente arrendadas, ou casas de habitação social. Nenhuma das mulheres reside actualmente em habitação social e no grupo dos homens, quatro residem em bairros de habitação social e os restantes em habitações particulares próprias ou de arrendamento.

5. Percursos de escolarização

No que se refere à escolarização, todos os homens entrevistados frequentaram a escola mas duas entrevistadas não tiveram frequência escolar na infância (uma delas continua sem saber ler e escrever, a outra, em adulta, frequentou o ensino recorrente e fez o 4º ano de escolaridade, tendo conseguido tirar a carta de condução). O abandono da escola pelas raparigas é associado a razões de carácter doméstico, para substituição dos pais enquanto estes vão trabalhar:

É assim, quando eu estava em casa dos meus pais, os meus irmãos, todos iam à escola, todos, tanto que eles têm o 9º, o 10º, têm todos habilitações muito, muito grandes, só que, como eu era a mais velha deles todos. Eles eram seis, comigo sete, eu tinha que me levantar às sete da manhã, dar-lhes o pequeno-almoço, vesti-los e levá-los à escola. Naquele tempo, o meu pai era feirante, vendia mantas, vendia mantas, roupas, e andava aqui a vender, cá e lá, e então eu tinha que ficar em casa. Era eu que ficava. Às vezes, eles iam-se embora, semanas e semanas por lá, e eu é que ficava a tomar conta deles, eu é que era a mãe deles. (Mulher, 40 anos, progenitores ciganos, zona urbana)

A filha mais velha é convocada para o papel de mãe, servindo, ao mesmo tempo, de resguardo, importante por razões “culturais ciganas”, de preservação da virgindade para assegurar a “pureza” da mulher e manter o bom-nome da família. Todavia, também encontramos referências a incentivos familiares:

É, motivavam, queriam que a gente fosse alguém e, depois, a minha mãe orgulhava-se de passar na rua “Olha esta é a minha filha”, ou “Já anda no ciclo, já anda no liceu”. Ela tinha orgulho em dizer às pessoas que a filha estava a conseguir alguma coisa, para ela era um orgulho. E esse meu irmão fez o 12º, a minha irmã fez a 4ª classe, que é a mais velha de nós todos, fez a 4ª classe e eu fiz o 9º completo, tenho o 9º e frequentei o 10º, mas depois, por opção, por opção própria, decidi deixar de estudar, porque é assim, eu também chegava ao 12º. (Mulher, 25 anos, mãe cigana e pai não cigano, zona urbana).

Para alguns homens, ir à escola consiste numa tradição de família, “O meu percurso (...) queria ir para a escola porque havia tradição na minha família de irem para a escola [...]”(Homem, 52 anos, pai cigano e mãe não cigana, zona urbana). Noutros casos, houve incentivos externos à família como padrinhos, vizinhos, professores que se empenharam na escolarização, por exemplo: “Os meus padrinhos colocaram-me na escola” (Homem, 51 anos, progenitores ciganos, zona urbana).

Os estabelecimentos de ensino frequentados foram escolas públicas e privadas. A maioria dos homens e mulheres frequentou a escola da aldeia ou da localidade em que residia durante o ensino básico mas três frequentaram escolas privadas ou colégios particulares. Para as mulheres entrevistadas que mais prolongaram os estudos parece haver uma relação directa com terem ascendência não cigana ou terem sido criadas por não ciganos. A entrevistada que foi criada numa instituição de acolhimento é a única que fez um percurso de estudo contínuo e mais prolongado com a conclusão do ensino superior. Também os casos em que houve conclusão do 9º ano são filhas de uniões mistas. Outro caso de escolarização e prolongamento escolar de uma mulher decorre em adulta, na sequência do benefício do Rendimento Social de Inserção. Despertou-lhe o gosto pela aprendizagem: “Fiz até à quarta, andava na quarta mas não acabei a quarta, prontos. Então, o ano passado votei-me a estudar à noite e consegui a quarta e então este ano, tornei a continuar.”(Mulher, 36 anos, mãe cigana e pai não cigano, zona urbana).

As mulheres têm a percepção de uma certa singularidade do percurso vivido, em contracorrente com a “tradição cigana”. Para umas, isso aparece como uma conquista pessoal que se deve ao seu esforço e/ou empenho de familiares. Os nossos resultados confirmam que as mulheres continuam a ter dificuldades de acesso à escolarização prolongada sobretudo por questões de ordem cultural. Cruzando os níveis de escolaridade conquistados pelas entrevistadas com as origens sociais, constata-se que as que os prolongaram mais são filhas de casais mistos, situação que entre os homens entrevistados parece não assumir particular relevância, atendendo a que sete têm pai e mãe cigana e quatro são filhos de uniões mistas, o que reforça a diferença de género na cultura cigana no que se refere à escolarização. No caso das mulheres, o facto de serem filhas de uniões mistas parece significar que nessas famílias existe maior abertura no que concerne à perspectiva da escolarização das raparigas.

Em termos individuais, são referidos casos em que a vontade de estudar se foi sobrepondo (impondo) à dos pais, que, às vezes, consideravam mais importante ter um filho “para a feira” do que um filho a estudar.

[...] Fiz o trajecto normal de um rapaz cigano, ou seja, continuei a vender. Só não o fiz num sentido: eu fiz um acordo, no início, mais ou menos explícito mas, depois, tácito entre mim e a minha mãe que era assim: Ok, ela deixava-me estudar, eu acho que sempre gostei de estudar, ela deixava-me continuar a estudar e eu teria de vender. E assim foi, ou seja, quando tinha escola de manhã, à tarde ia à venda e quando tinha escola de tarde, ia vender de manhã. Pronto e continuei a minha vida de venda até aos 17, 18 anos. Em termos de estudo, eu penso que aí é que é o relevante, estudei como aluno normal, eu, talvez por não ser assim muito moreno, as pessoas nunca me identificaram como cigano propriamente dito. Até porque a escola onde eu andei, primeiro a preparatória, depois a secundária, era uma escola que ficava um pouco longe da ... de onde eu vivia. Tinha de me deslocar, de ir a pé, pelo menos uns 2 ou 3 km todos os dias, o que não era impeditivo porque ia com os meus colegas e até era giro. (Homem, 36 anos, mãe cigana e pai meio cigano, zona urbana).

As razões apontadas pelos homens para o abandono escolar são diferentes das apresentadas pelas mulheres: para eles, sair da escola parece tratar-se de uma decisão pessoal. Se, por um lado, a postura dos progenitores em relação à escola influencia os percursos escolares dos filhos com as expectativas esperadas, por outro lado, também a frequência escolar por parte dos filhos pode contribuir para ir alterando as mentalidades dos progenitores – “Os ciganos que têm os filhos na escola já pensam um bocado diferente” (Mulher, 29 anos, progenitores ciganos, zona urbana), sendo aqui salientado o papel socializador desempenhado pela escola na criança e respectivas famílias. Esta constatação contraria ideias pré-concebidas e estereótipos sobre “os ciganos não vão à escola”.

6. Origens sociais miscigenadas

O tipo de ascendência é um elemento importante a ter em conta nos trajectos de vida, pois interfere profundamente no desenvolvimento das suas vidas, sendo estruturante na delimitação das redes sociais. Duas das entrevistadas (ambas com pai e mãe de origem cigana) foram criadas por outros familiares, uma pela avó cigana e outra pela madrasta não cigana (na adolescência viveu com uma tia não cigana) e ainda outra foi criada desde pequena numa instituição de acolhimento⁴. Ser socializado no “modo de vida tradicional cigano” e decidir por sua iniciativa uma ocupação diferente implica fazer novas aprendizagens sociais e adquirir novas competências. Um dos entrevistados reforça esta ideia quando refere que “teve de harmonizar entre o estar na comunidade e estar na sociedade portuguesa” (Homem, 24 anos, progenitores ciganos, zona urbana), ou seja, tem a percepção de que precisou de mobilizar a sua capacidade de ajustamento a diferentes situações sociais e saber corresponder às exigências específicas de cada uma. Como se consegue essa flexibilidade para transitar entre universos sociais diferenciados? Ter familiares ciganos e não ciganos coloca os indivíduos em situação privilegiada de relacionamento social mais alargados, como refere um entrevistado “De um lado tinha os tios ciganos, do outro tinha os primos não ciganos” (Homem, 52 anos, pai cigano e mãe não cigana, zona urbana), situação que lhe permitiu uma relação constante com os dois universos culturais, aprendendo a mover-se num e noutro. “a minha infância foi vivida com a família do meu pai que é cigana e a família da minha mãe não é cigana. Passei a minha infância até aos nove anos com a família do meu pai.” (Mulher, 26 anos, pai cigano e mãe não cigana, zona urbana)

A origem social cigana “pura” ou “não pura” é uma problemática que surge frequentemente nas narrativas: “a pureza é, a pureza é... feita pelos pais. O que significa? Significa que para os ciganos, sempre que seja filho de homem, mesmo que a mãe não seja cigana, que é o meu caso, são ciganos puros. No caso de ser filhos de mulher cigana e de homem não cigano, já não é puro.” (Homem, 52 anos, pai cigano e mãe não cigana, zona urbana). Independentemente do tipo de origem social e do género, os (as) entrevistados(as) tiveram processos de socialização primária em que integraram padrões de relacionamentos mistos com destaque para os que têm familiares não ciganos que fazem parte da sua realidade quotidiana e influenciam o processo de socialização e educação. Aqueles que têm ambos os progenitores ciganos também acederam a uma diversidade relacional proporcionada pelas relações de interacção social nos meios físicos e sociais em que cresceram (amigos, vizinhos, escola, etc.)

7. Actividades ocupacionais e estatuto socioeconómico

O estatuto socioeconómico dos pais pode ser facilitador de integração social, perceptível pelas actividades económicas desenvolvidas: comerciais, distinguindo-se entre feirantes/ vendedores ambulantes e os comerciantes de gado; trabalhadores agrícolas e outras situações de trabalho por conta de outrem, (caso de um cigano e de um meio cigano, por exemplo, obras da auto-estrada). A maior parte das mães acompanhavam os pais nas actividades comerciais, mas duas delas (ciganas) trabalhavam por conta de outrem e na agricultura. Cumulativamente, todas as mães tinham a seu cargo as actividades domésticas e o tratamento dos filhos. Nos pais dos entrevistados, o que se verifica é a reprodução das actividades tradicionais ciganas (nos ciganos) e das actividades não ciganas (nos não ciganos). Ou seja, de uma forma

geral, a actividade dos/das progenitores/as reproduzem os padrões sociais de divisão do trabalho entre as classes populares menos qualificadas.

Foi frequente estar sujeito a pobreza extrema com condições habitacionais muito precárias o que fez que alguns sentissem necessidade de ajudar os pais nos rendimentos, vendendo em feiras e mercados, ou praticando mendicidade. Outros referem a pertença a famílias com estatuto social elevado, o que os diferencia dos outros ciganos que não tiveram acesso a esses recursos nem modos de vida.

E, então, como eu fui criado num ambiente da alta sociedade (...), então todos os meus amigos estão todos formados, uns são médicos, uns são engenheiros, outros são comandantes de embarcações. Os meus amigos sempre me estimaram muito bem, nem se lembravam que eu era cigano.” (...) Os meus avós paternos sempre moraram em (...) e os meus avós maternos também. Os paternos iam a Espanha comprar gado... (Homem, 55 anos, progenitores ciganos, zona urbana)

O exercício de uma actividade profissional (trabalho) surge como uma das principais vias valorizadas socialmente como potenciadora de integração social. Não ter “trabalho” pode significar a exclusão de um conjunto de esferas e de trocas da vida colectiva. As actividades profissionais desenvolvidas pelos entrevistados reflectem as diferenças de escolaridade entre homens e mulheres. Os homens desempenham actividades mais qualificadas do que as mulheres em que a maioria, desempenha actividades não qualificadas (apenas uma tem actividade qualificada - é educadora de infância). Comum a todos os entrevistados é o desenvolverem actividades por conta de outrem. No grupo das mulheres, as actividades distribuem-se pelo trabalho agrícola e serviços - cuidado de idosos e de crianças, ou na área da restauração: cozinheiras, empregadas de mesa e empregadas de limpeza, educadora de infância, jardineira, frequência de formação profissional e mediadora sociocultural. No grupo de homens, as actividades actuais são principalmente na área dos serviços – ensino (docência e formação), mediação sociocultural, auxiliar de serviços gerais, guarda-nocturno, trabalhadores não qualificados na área do comércio/prestação de serviços, técnico superior e agente policial. Apesar de quase todos os homens entrevistados terem estado ligados a actividades da venda ambulante para ajudarem os progenitores (alguns chegaram a desenvolver a actividade de forma autónoma para garantir a sua sobrevivência), esse modo de vida foi deixado por ter surgido a oportunidade de desenvolver actividade alternativa por conta de outrem, a que se reconhece a vantagem de poder contar com um rendimento mensal fixo. Um dos entrevistados ainda se dedica actualmente à venda ambulante, ao fim-de-semana. Tem uma actividade assalariada mas continua a fazer “vendas” sempre que pode para equilibrar o orçamento familiar, combinando assim, em termos de actividade, o tradicional e o não cigano. A referência à actividade da “venda” por parte das mulheres é praticamente inexistente, exceptuando-se o caso de uma mulher que diz ter vendido na rua até aos 15 anos. Aspecto comum a homens e mulheres são as referências frequentes às dificuldades sentidas para encontrar trabalho remunerado e para ver a sua actividade reconhecida. Sentem ser tratados de forma negativa na procura de trabalho, discriminados por recusas sistemáticas que associam à origem cigana. Uma estratégia adoptada para aceder a trabalho assalariado passa pela ocultação da origem cigana. No entanto, quando ela é descoberta, pode ser motivo de despedimento ou para não progressão na carreira. Para ultrapassar as dificuldades de emprego e de discriminação é também ser muito importante a motivação, a vontade e persistência pessoal. Uma ideia generalizada é a de que constantemente estão a ser colocados à prova, no que se refere às suas competências sobre aquilo que são capazes de fazer. “Por muito que a gente faça somos sempre vistos como inferiores.” (Homem, 24 anos, ambos progenitores ciganos, zona urbana). No entanto, apesar do desânimo devido às dificuldades em aceder ao mercado de trabalho, reconhecem que mais vale ter alguma escolaridade do que não ter nenhuma. Mesmo que se fique desempregado/a, aprenderam-se códigos de leitura da sociedade envolvente o que faz ficar mais habilitado a enfrentar o mercado de trabalho (mesmo que se tenha de equacionar o regresso ao trabalho de feiras).

Não obstante algumas críticas acutilantes sobre a dependência por parte dos “ciganos” no que se refere ao Rendimento Social de Inserção, reconhece-se a existência de dificuldades generalizadas e acrescidas para encontrar alternativas de subsistência com a percepção de que “ninguém dá emprego aos ciganos” (Mulher, 40 anos, progenitores ciganos, zona urbana) ou de que existem “Dificuldades em encontrar meios de sobrevivência” (Mulher, 36 anos, mãe cigana e pai não cigano, zona urbana), agravadas pelas “Dificuldades

em vender. Necessidade de outras ocupações” (Mulher, 26 anos, pai cigano e mãe não cigana, zona urbana). Deste modo, a concepção sobre o “modo de vida cigano” cruza aspectos das actividades económicas desenvolvidas ligadas ao comércio, vulgarmente designados pela “venda” com a nova forma de dependência económica do Estado, através do benefício do RSI.

O modo de vida dos indivíduos estudados diferencia-se do “modo de vida cigano”. No entanto, a par da transmissão do seu modo de vida “normal” que permite melhores condições de vida, pretendem transmitir aos/às descendentes o sentimento de ser cigano. Ou seja, pretendem que a escolaridade, o trabalho e os relacionamentos com ciganos e não ciganos não resultem em dissolução identitária como cigano. É o querer que o filho seja um “doutor cigano” (Homem, 24 anos, progenitores ciganos, zona urbana)

No caso dos entrevistados que casaram com mulheres não ciganas, as opções de educação para os filhos é não cigana. Mas, admitem que eles assumem valores centrais “ciganos” e revelam em determinados momentos o “orgulho na origem cigana”. Há integração plena dos filhos no sistema de ensino e acompanhamento da aprendizagem dos filhos. Por exemplo, um entrevistado, atento à aprendizagem feita pelo filho, mudou-o de escola por considerar que estava a ser posto de lado por ser de origem cigana (foi constituída uma turma só para “ciganos” e verificava-se desinteresse da professora da turma).

8. Confluência de redes e interações sociais

As famílias ciganas são parte integral da sociedade e o facto de os entrevistados terem vivido durante a infância e adolescência em meios sociais diversificados ajudou a promoção de relações sociais variadas. Em alguns casos não há experiência de viver “no meio de ciganos” e existe consciência da excepcionalidade da sua vida, diferente da de outros “verdadeiramente” ciganos, associados à auto-exclusão do convívio com não ciganos. A ênfase do relacionamento com não ciganos é realçada, quer por entrevistados de origem totalmente cigana quer de origem mista. Por exemplo, um entrevistado considera que: “Eu não fiz um percurso que me foi afastando; eu nasci afastado” (Homem, 52 anos, pai cigano e mãe não cigana, zona urbana). O que também se pode verificar tendo em conta os estatutos sociais das famílias ciganas: “Pronto, nós sempre tivemos um status diferente. [...] Por isso, é que eu às vezes resolvo as situações de outros ciganos.” (Homem, 55 anos, progenitores ciganos, zona urbana).

Para um entrevistado essa questão traduz-se em sentimento e formas culturais que considera reflectirem hibridismo pela necessidade de adaptação às pessoas com quem se interage. A convivência social com não ciganos está presente ao longo das suas vidas: os casos de apadrinhamento em sentido literal e metafórico e os indivíduos de referência que possibilitaram o acesso a determinado tipo de bens, ou informações e que acompanharam os seus trajectos de vida, entre os quais, a possibilidade de estudar. Como reconhece um entrevistado: “Houve factores exteriores à própria família e à comunidade que estruturaram o percurso” (Homem, 51 anos, progenitores ciganos). Os não ciganos têm mais capital social e acesso a informação para melhor orientação na sociedade do que os ciganos.

Os que têm os dois progenitores ciganos dizem-se mais próximos de outros ciganos para além da família nuclear, por vezes, conjugado com o desempenho de actividades associativas e religiosas. A partir da adolescência parece haver preferência pelas relações com não ciganos, precisamente na fase da vida em que se fazem opções de vida estruturantes e se marca proximidade ou distanciamento em relação ao modo de vida cigano e que repercute nas uniões conjugais, maioritariamente com não ciganos.

Casar ou não com ciganos pode ser um indicador sobre as formas de afastamento ou proximidade cultural em relação à “cultura cigana”. A defesa do casamento endogâmico por parte de alguns entrevistados é um factor chave para a preservação da cultura e do grupo (Martin e Gamella, 2005). Entre os homens, seis em onze escolheram companheiras não ciganas e quatro casaram mulheres ciganas, sendo um deles solteiros. Entre as mulheres, oito uniram-se a não ciganos, uma casou com um cigano e outra é solteira. Comparando a dimensão da família diminui o número de filhos em relação aos progenitores.

Para alguns homens, o respeito pela tradição do “casamento cigano” é importante e central para a cultura cigana. Constitui um ritual de passagem para o mundo dos adultos e tem na virgindade da

noiva uma das principais características e funciona como forma de exercer controlo sobre as mulheres, o que se faz com a realização de casamentos precoces no princípio da adolescência, quase sempre com familiares próximos. Em alguns casos, encontramos distanciamento em relação à concepção tradicional de “casamento cigano”, o que se reflecte no desconhecimento afirmado, sobre acerca dos rituais associados no que se refere à combinação de casamentos às formas de celebração, por exemplo, por parte dos entrevistados/as da região de Trás-os-Montes. Para algumas das mulheres a união com um homem não cigano, foi uma espécie de libertação ao permitir afastamento dessas regras rígidas, nomeadamente a combinação de “casamento cigano”, situação que ainda foi vivida por algumas mulheres entrevistadas:

A forma como se celebra o casamento (número de dias que dura e o dinheiro gasto) é um importante indicador para demonstrar o poder económico da família, mas também para celebrar alianças entre famílias e se concretiza na prova de virgindade também designada por “tirar os panos” ou “fazer a prova”:

Não, não fizeram um casamento cigano, o que lhe fizeram os pais dela, pediram-lhe, viram que não tinha solução, que ela não queria largar o meu irmão, levaram-na a uma senhora que eu não sei quem é, para lhe tirar os lenços. Conclusão, essa senhora tira a virgindade para dizer que é pura, quando ela foi para o meu irmão. Quando vier para o meu irmão, o meu irmão não lhe poderá chamar nomes, porque ela até à data era pura. (...) E então eram três lenços e, não sei como é que eles fizeram, em cada esquina tinham uma mancha de sangue e no centro outra mancha de sangue. Era um lenço para a rapariga, um lenço para a mãe da rapariga e um lenço para a sogra e a partir daí eles lá se juntaram, mas não fizeram festa, nada daqueles casamentos de três, quatro dias que às vezes eu vejo na televisão. Eu aqui nunca vi nada desses casamentos. (Mulher, 25 anos, mãe cigana e pai não cigano, zona urbana).

Os aspectos tradicionais mais rígidos em torno do “casamento cigano” vão sendo contornados de várias formas, nomeadamente, pela “fuga”, ou o casamento “à espanhol” que é uma espécie de encenação que permite aos jovens fazer as suas escolhas em vez de aceitarem as imposições dos progenitores. Constatámos atitudes de duplicidade: por um lado, o desejo de se continuar manter a tradição, mas em que ela é reinventada e adaptada às situações específicas do grupo de pertença e às disponibilidades económicas.

A diversidade de relações sociais, nomeadamente, a pertença a famílias mistas ou a convivência diversificada constitui um factor importante para alargamento dos seus quadros de experiência. A experiência dos indivíduos pode ser agenciada numa multiplicidade de quadros, o que nos pode fornecer, por um lado, uma certa visão fragmentada do indivíduo, mas que também remete para as questões das identidades múltiplas, mistas, mestiças, de “bricolage”, etc.

Conclusão

No que se refere aos percursos de integração social, o processo de socialização e a experiência de vida única de cada um dos homens mulheres entrevistados foi interiorizado e combina de forma singular os vários elementos de identificação identitária e de aprendizagem social. Os quadros de interacção em que se movem ajudam a compreender como se processa a produção de formas simbólicas sobre a “cultura cigana”, mas também como se efectua a aprendizagem dos códigos e competências culturais locais e a sua sem que isso os leve a perder outras referências e identificação sobre o que é a origem cigana e o ser cigano.

O sistema de disposições construído contribui para a construção de identidades plurais e múltiplas que se reflecte em formas mestiças e híbridas no modo de interpretar a realidade social, contribuindo para a o desejo de preservar certos valores tradicionais, mas também para abertura para integração de valores e atitudes da cultura envolvente. Desta simbiose resultam formas de identificação com a cultura cigana (ancoragem ao sentimento de ser cigano) mas também prepara para enfrentar novos desafios e novas oportunidades sociais.

Constatámos que existe diferenciação de estatutos sociais de acordo com o tipo de ascendência e o estatuto socioeconómica, elementos distintivos entre os ciganos e potenciadores de integração e de mobilidade social.

Outra variável importante é a questão do género, central na estratificação sociocultural cigana e que se repercute nos percursos de integração de homens e mulheres, nomeadamente o maior ou menor afastamento em relação ao convívio frequente com ciganos, sobretudo no caso das mulheres, o afastamento foi mais intencional e algumas assumem que se afastaram da vivência de “ciganos” expressamente por causa da violência e agressividade.

Bibliografia

- ACIDI (2011). *Estratégia nacional para a integração das comunidades ciganas*. Lisboa: Secretário de Estado Adjunto do Ministro-adjunto e dos Assuntos Parlamentares/ ACIDI.
- Almeida, J.F., & Pinto, J.M. (1986). Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais. In A.S. Silva & J.M. Pinto (Eds.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 55-78). Porto: Edições Afrontamento.
- Bertaux, D. (1997). *Les récits de vis. Perspective ethnosociologique*. Paris: Éditions Nathan.
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction: Critique Sociale du Jugement* Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (2001). *Razões práticas. Sobre a teoria da acção*. Oeiras Celta Editora.
- Castel, R. (2000). A Precariedade de Transformações Históricas e Tratamento Social. In Marc-Henry Soulet (Ed.), *Da Não-Integração*. Coimbra: Quarteto.
- CPESC (2009). Relatório das Audições efectuadas sobre portugueses ciganos no âmbito do Ano Europeu para o diálogo Intercultural. *Comissão Parlamentar de Ética, Sociedade e Cultura: Subcomissão para a Igualdade de Oportunidades e Família*. Lisboa: Assembleia da República.
- Corcuff, P. (2001). *As novas sociologias: a realidade social em construção*. Sintra: VRAL.
- Costa, A.F. (1992). *Sociologia*. Lisboa: Difusão cultural.
- Dubet, F. (1996). *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Estanque, E., & Mendes, J.M. (1988). *Classes e desigualdades sociais em Portugal. Um estudo comparativo*. Porto: Edições Afrontamento/ Centro de Estudos Sociais.
- Gaulejac, V., & Léonetti, I.T. (1994). *La Lutte des Places: Insertion et Désinsertion*. Paris: Hommeset Perspectives /Desclée de Brouwer.
- Giddens, A. (1990). *As Consequências da Modernidade* (4ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (2004). *Dualidade da estrutura - Agência e estrutura*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A., & Turner, J. (Eds.). (1999). *Teoria social hoje*. S. Paulo: Editora UNESP.
- Goffman, E. (1974). *Les Rites d'Interaction*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Goffman, E. (1988 [1963]). *Estigma - Notas sobre a Manipulação Deteriorada*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Goffman, E. (1991 [1974]). *Les cadres de l'expérience*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Lahire, B. (2003). *O homem plural. As molas da acção*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Magalhães, A.M. (2005). *"É assim a vida". Um retrato etnográfico do ciclo de vida cigano*. Lisboa: Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Magano, O. (2010). *"Tracejar vidas normais". Estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Martin, E., & Gamella, J.F. (2005). Marriage practices and ethnic differentiation: the case of Spanish Gypsies (1870-2000). *Science Direct: the History of the family* (Vol. 10, pp. 45-63): Elsevier.

- Moreira, J.J.S. (1999). Ciganos em privação de liberdade. *Revista do Ministério Público* (77), 59-98.
- PE (2011). Estratégia da União Europeia para a Inclusão dos Ciganos. Resolução do Parlamento Europeu, sobre a estratégia da UE a favor da integração dos ciganos (2010/2276(INI)).<http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?type=TA&reference=P7-TA-2011-0092&language=PT&ring=A7-2011-0043>
- Poirier, J., Clapier-Valladon, S., & Raybaut, P. (Eds.). (1995). *Histórias de vida. Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Santos, B.S. (1994). *Pela mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, T., Oliveira, C.R., Rosário, E., Kumar, R., & Brigadeiro, E. (2009). *Research survey on migrant's experiences of racism and xenophobia in Portugal*. Porto Salvo: NÚMENA.
- Schnapper, D. (2007). *Qu'est-ce que l'intégration?* Paris: Éditions Gallimard: folio actuel Inédit.
- Velho, G. (1999). Projecto, emoção e orientação em sociedades complexas. In G. Velho (Ed.), *Individualismo e cultura - notas para uma antropologia da sociedade contemporânea* (pp. 15-37). Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Wieviorka, M. (2002). *A diferença*. Lisboa: Fenda.

¹ Indivíduos que costumam ser solicitados por instituições governamentais e não governamentais para participar em projectos de intervenção social ou mediação. Em alguns casos, acabam por se afastar do modo de vida tradicional cigano, “assenhorado-se ou apayando-se”.

² Forma como os ciganos se referem ao comércio ambulante.

³ O autor defende que há indivíduos que nunca terão uma oportunidade de emprego, quer pela sua formação desadequada ao mercado de trabalho, quer pelo mercado de trabalho não conseguir absorver todos os potenciais candidatos a um emprego.

⁴ Esta entrevistada sempre soube quem era a sua família. Esta situação é a de outra entrevistada criada por uma madrasta não cigana, ficou a dever-se a separações conjugais dos progenitores.